



A FEIRA AGROECOLÓGICA DE JACOBINA COMO REDE LOCAL DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO NO TERRITÓRIO PIEMONTE DA DIAMANTINA

Joelma Silva dos Santos¹
João Phelipe Santiago²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar o processo de constituição da primeira feira agroecológica do município de Jacobina, destacando alguns dos aspectos das unidades locais de produção e comercialização que tem corroborado com a materialização da rede geográfica local, além de seus desdobramentos no contexto do território de identidade Piemonte da Diamantina (Bahia). Para alcançar tais objetivos, foram balizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, afim de levantar informações pertinentes sobre o tema e possibilitar uma breve discussão dos conceitos: feiras agroecológicas e redes geográficas; além de pesquisa documental e observação, realizada junto as instituições parceiras, objetivando identificar informações acerca da criação da feira agroecológica de Jacobina. Seu início aconteceu depois de um longo processo organizacional de articulação entre as famílias agricultoras, as instituições parceiras e o público consumidor; conectados em torno de um interesse comum – a oferta de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e emanados de uma responsabilidade socioambiental coletiva. As comunidades rurais onde as práticas agroecológicas são desenvolvidas se configuram como unidades locais de produção – as roças, os quintais, as cozinhas. De modo a reverberar na unidade local de comercialização – a feira agroecológica, evidenciando a materialização dessa rede geográfica local. A demais, a feira agroecológica de Jacobina ganhou destaque no cenário regional, como pioneira na implantação de espaço para comercialização direta de alimentos agroecológicos no Piemonte da Diamantina, repercutindo *a posteriori* na constituição REFAS Piemonte – uma nova organização social de maior abrangência socioespacial e que tem dinamizado o uso sustentável do território Piemonte da Diamantina.

Palavras-chaves: Feiras agroecológicas, redes geográficas, Piemonte da Diamantina.

ABSTRACT

This study aimed to highlight the process of constitution of the first agroecological fair in the municipality of Jacobina, highlighting some aspects of the local units production of marketing that have corroborated with the materialization of the local geographic network, in addition to its consequences in the context of the territory. of identity of Piedmont from Diamantina (Bahia). To achieve these objectives, the following methodological procedures were outlined: bibliographical research, in order to raise pertinent information about the subject and enable a brief discussion of the concepts: agroecological fairs and geographic networks; and documentar and observation research, carried out with partner institutions, in order to identify information about the creation

¹ Graduada em Geografia (UNEB - Jacobina), Mestranda em Geografia (PPGeo/UESB - Vitória da Conquista), Bolsista: modalidade mestrado acadêmico (UESB/FAPESB). joelma1saude@outlook.com.

² Doutorado em Geografia (USP), Pós Doutorado em Planejamento Regional e Desenvolvimento Social (UCSAL), Professot Titular do Departamento de Geografia e do Mestrado em Geografia PPGeo (UESB), Líder do Grupo de Pesquisa ANTHROPOS – CNPq. joao.santiago@uesb.edu.br.



of the Jacobina agroecological fair. Its beginning took place after a long organizational process of articulation among farming families, partner institutions and the consumer public; connected around a common interest – the offer of healthy food, free of pesticides and emanating from a collective socio-environmental responsibility. The rural communities where agroecological practices are developed are configured as local production units – the raems, the backyards, the kitchens. In order to reverberate in the local marketing unit – the agroecological fair, highlighting the materialization of this local geographic network. In addition, the Jacobina agroecological fair stood out in the regional scenario, as a pioneer in the implementation of a space for the direct commercialization of agroecological food in Piemonte da Diamantina, reverberating a posteriori in the constitution REFAS Piemonte – a new social organization with greater socio-spatial coverage and which has streamlined the sustainable use of the Piemonte da Diamantina territory.

Keywords: Agroecological fairs, geographic networks, Piemonte da Diamantina.

INTRODUÇÃO

A produção agroecológica é reflexo de um posicionamento político de agentes e grupos sociais (agricultores/as, instituições, movimentos, consumidores e simpatizantes) que defendem uma lógica de produção de alimentos menos agressiva a natureza e a saúde humana – alimentos mais limpos, livre de agrotóxicos e oriundos de uma responsabilidade socioambiental coletiva. Desse movimento, há a inserção desse público nos espaços populares de debates acerca das diversas problemáticas socioambientais e estruturais predominantes no espaço rural. Concomitantemente, opondo-se à lógica de produção hegemônica da agricultura convencional capitalista.

A articulações entre esses agentes sociais vai repercutir no protagonismo das famílias agricultoras, frente a um espaço de comercialização direta da produção local, ou seja, a feira agroecológica do município de Jacobina, pertencente ao território de identidade Piemonte da Diamantina, Bahia, Brasil³.

Nesse sentido, vale ressaltar que este trabalho apresenta alguns resultados correspondentes a pesquisa de mestrado, em andamento no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, a qual remonta o contexto das minhas vivências como extensionista, técnica de campo, entre os anos de 2012 a 2013, na Cooperativa de Trabalho e Assistência Técnica à Agricultura Familiar Sustentável do Piemonte da Diamantina – COFASPI, situada na cidade de Jacobina. No contexto em que

³ O Território de Identidade Piemonte da Diamantina – Bahia (TIPD), situado no Centro Norte Baiano, e atualmente é composto por nove municípios: Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Ouroândia, Saúde, Serrolândia, Umburanas e Várzea Nova. (FIGUEIREDO, 2020)



estive atuando junto à cooperativa, acompanhando a execução de alguns dos projetos de apoio e fomento à agricultura familiar.

Naquele contexto, foi possível experienciar um contato mais direto com as famílias agricultoras, o que me permitiu observar aspectos correspondentes ao processo organizacional do grupo da feira agroecológica de Jacobina, dando ênfase as unidades locais de produção e de comercialização, bem como os agentes sociais envolvidos, a gênese de construção coletiva desse grupo social e sua organicidade (CARMO, 2012). Sendo, portanto, evidenciado a constituição da REFAS Piemonte – uma nova organização social de maior abrangência socioespacial e que tem dinamizado o uso sustentável do território (SANTOS, 2014) Piemonte da Diamantina. Todo esse processo que envolve a dimensão organizacional e articulação desse grupo social vai repercutir diretamente na materialização da rede geográfica local.

Na sequência, o trabalho segue estruturado respectivamente em: metodologia, referencial teórico, resultados discussão, considerações finais e referências. Inicialmente são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para condução da pesquisa bibliográfica, documental e de observação, no sentido basilar de adquirir as informações necessários para substanciar a descrição do processo organizacional e de constituição da primeira feira agroecológica de Jacobina, bem como, estabelecer inferências acerca da articulação em rede deste grupo social. Aspectos esses, fundamentais para compreender a dinâmica provocada por essa rede local, que compreende as unidade locais de produção e comercialização no município de Jacobina.

Ademais, segue o referencial teórico, com uma breve discussão acerca dos conceitos de feiras agroecológicas e redes geográficas, fundamentais no âmbito desse estudo. Os resultados e discussão são evidenciados, a partir de informações coletadas em documentos institucionais, além de cadernos com anotações observar aspectos correspondentes ao processo organizacional do grupo da feira agroecológica de Jacobina. Por fim, segue as considerações finais com alguns apontamentos sobre o processo, ora apresentado e seus desdobramentos no território Piemonte da Diamantina.

METODOLOGIA

Para a condução deste trabalho foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica, afim de levantar informações pertinentes sobre o



tema e possibilitar uma breve discussão dos conceitos: feiras agroecológicas (REINIGER; WIZNIEWSKY; KAUFMANN, 2017) e redes geográficas (CORRÊA, 2011; SANTOS, 2005; 1996; SANTIAGO, 2013, 2014, 2016, 2021). Para tanto foi balizado um aporte teórico que possibilitasse tal mediação. Percebe-se a partir dos levantamentos bibliográficos iniciais que grande parte dos estudos ligados as noções sobre redes geográficas, tem dado maior ênfase as questões voltadas para o espaço urbano. Entretanto, a relação com o espaço rural tem aparecido como uma nova emergência temática, associada ao desenvolvimento local e regional. Outros trabalhos científicos (monografias) de abordagem local também foram consultados com o objetivo elementar de adquirir as informações acerca do processo constituição da primeira feira agroecológica de Jacobina, bem como, aspectos correspondentes a sua organização e articulação com outros agentes e grupos sociais.

Além da pesquisa bibliográfica, também foi realizada uma pesquisa documental e de observação (anterior a meu ingresso no PPGeo/UESB e que propiciou o embasamento necessário para a submissão do projeto de pesquisa). Em termos gerais, foram consideradas as informações pertinentes, observadas e identificadas em livros de atas, relatórios e produtos técnicos dos grupos sociais em questão, além de anotações registradas em caderno de campo durante atividades de extensão junto a COFASPI e as famílias agricultoras, participantes da pesquisa.

As informações mencionadas subsidiaram essa etapa inicial de realização da pesquisa em andamento, possibilitando estabelecer inferências sobre a materialização da rede geográfica local, no âmbito da constituição da primeira feira agroecológica de Jacobina, sobretudo a partir da articulação entre diversos agentes e grupos sociais, além das unidades familiares de produção e comercialização local.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na geografia, observa-se que desde meados da década de 1960 e 1970, grande parte dos estudos dedicados a compreender as diversas dinâmicas socioespaciais provocadas pelas redes, tem ganhado maior enfoque nas pesquisas voltadas para o espaço urbano, sobretudo no que tange as redes urbanas ou sistemas de cidades (SOUZA, 2013), as redes técnicas (DIAS, 1995), além do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996).



Na contemporaneidade a noção de rede tem se revelado como uma categoria analítica mais ampla e complexa, associada aos fluxos de circulação, comunicação e comercialização, de modo que atravessam e se apropriam do potencial territorial como totalidade, em qualquer situação geográfica (SANTIAGO, 2013, 2021). Essa categoria, torna-se portanto, fundamental para compreender as novas dinâmicas socioespaciais, estejam elas manifestas no espaço urbano ou rural, ou mesmo, sejam elas técnicas ou sociais, ligadas também as lutas políticas de organizações e movimentos populares (ZIBECHI, 1997).

Nessa perspectiva, percebe-se a emergência e também a necessidade de ampliar as pesquisas com essa abordagem, de modo que contemple a observância do fenômeno das redes na organização do espaço rural, inclusive levando em consideração as diversas formas de apropriação e uso do território, oriundas de articulações sociais que atuam direta ou indiretamente com atividades agroecológicas. Nesse caso, trata-se especificamente das atividades de produção e comercialização de alimentos agroecológicos no âmbito da feira agroecológica de Jacobina (Bahia). De modo geral, compreende-se que as redes se apresentam como importante instrumento para compreender as dinâmicas de uso de determinado território (DIAS, 1995).

Para melhor entender esse conceito, bem como seus efeitos na organização do território, algumas contribuições de Corrêa (2011) são evidenciadas. Para esse autor as redes geográficas são na verdade “redes sociais *espacializadas* (grifos nossos). São sociais em virtude de serem construções humanas, elaboradas no âmbito de relações sociais de toda ordem, envolvendo poder e cooperação, além daquelas de outras esferas da vida.” (CORRÊA, 2011, p. 2). Acrescentando ainda que elas são “constituídas por um conjunto de localizações interconectadas” (CORRÊA, 2011, p. 1). Nesse sentido, Corrêa (2011) demonstra que a característica elementar das redes geográficas diz respeito a sua espacialidade, ou seja, a forma como determinados fenômenos sociais se organizam e se materializam no espaço.

Ademais, percebe-se que as redes se configuram a partir de funções específicas a elas atribuídas, no intuito de atender demandas e/ou interesses prioritários de agentes e/ou grupos sociais. Essa dinâmica é favorecida pela “instantaneidade e simultaneidade” (CORRÊA, 2011, p. 1), ou seja, pela fluidez de determinados processos, sejam de ordem técnica, econômica informacional ou social, por exemplo.



Para Santos (2003) as redes não são apenas globais, mas também locais e desempenham importante papel na configuração territorial, inclusive conferindo autonomia de gestão individual ou coletiva a gentes e/ou grupos sociais. Portanto, mais adiante serão evidenciados aspectos das partes que configuram uma rede local, as unidades de produção e comercialização (feiras agroecológicas), bem como da articulação e organização produtiva e comercial de agricultores(as) familiares que desenvolvem suas atividades, a partir de práticas agroecológicas no município de Jacobina (Bahia).

As feiras agroecológicas são espaços de exposição e comercialização direta de alimentos agroecológicos, ou seja, alimentos que ao serem produzidos integram alguns princípios que compreendem a dimensão social, ambiental, cultural, econômica, política, ética e da sustentabilidade, como fundamentais para a execução de tais atividades.

Reiniger; Wizniewsky; Kaufmann (2017) a concebe como um espaço de socialização, aglutinação de pessoas, sejam elas agricultoras, consumidores(as) ou simpatizantes que acreditam e lutam por uma quebra de paradigma no que tange a mudança de hábitos alimentares mais saudáveis, por meio d consumo de alimentos limpos, livres de agrotóxicos, bem como um espaço onde há um estreitamento de laços, onde as trocas de conhecimento e experiência se apresentam com fatores marcantes para todo os agentes sociais envolvidos nesse processo. E é claro, contribuir para a produção de rendimentos para as famílias agricultoras. Tudo isso evidencia ainda mais o carater multidimensional da produção agroecológica.

Ao falar de mudança paradigmática, vale ressaltar que esses espaços se apresentam também, como *locus* de resistência e contraposição ao modelo de produção agroindustrial hegemônico e exploratório do agronegócio (LEITE; MEDEIROS, 2012). Esse modelo de produção é caracterizado sobretudo pelo uso desenfreado dos recursos naturais, monocultivo, uso de agrotóxicos, concentração fundiária, além de uma gama de insumos externos que fazem parte do chamado pacote tecnológico, iniciado na agricultura convencional desde a Revolução Verde⁴. Além disso, atualmente esse modelo agroexportor segue suas atividades contando com o patenteamento dos organismos vivos,

⁴ No século XX foram propostos novos métodos na produção agrícola, especialmente no Pós – Segunda Guerra Mundial. Com a Revolução verde que foi difundida por governos e organismos internacionais, universidades e centro de pesquisas agropecuárias, formam produzidas sementes híbridas, fertilizantes sintéticos e agrotóxicos, definindo-os como pacote tecnológico, juntamente com as máquinas agrícolas. (ZAMBERLAM; FRONCHETI, 2012)



disseminação de transgênicos, além do uso de nanotecnologia. Os alimentos oriundos desse modelo de produção agrícola que não são destinados a exportação, na maioria das vezes são lançados nos mercados convencionais, a exemplo dos supermercados, com objetivo principal de agiar lucro, favorecendo a acumulação financeira – típica característica do modelo capitalista de produção.

Nesse contexto, onde o agronegócio já se apropria diversos territórios e domina grande parte das atividades na agricultura convencional, emerge o movimento agroecológico no sentido de contestá-lo e orientar para uma produção menos agressiva a natureza e a saúde humana. Além de possibilitar diversos debates políticos em torno de problemáticas sociais, predomina no espaço rural, bem como a análise crítica à lógica de produção hegemônica.

Dessa forma, a discussão acerca da produção agroecológica vai inserir diversas articulações sociais em torno de um objetivo comum, corroborando com a criação de espaços próprios para comercialização de alimentos produzidos na agricultura familiar agroecológica, concebida como uma atividade agropecuária, centrada na racionalidade de uso e conservação dos agroecossistemas, sendo praticada majoritariamente pelos membros de uma família, de modo a contribuir para sustentabilidade social, ambiental, cultural, econômica, política e ética de todos os agentes envolvidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Jacobina, situado geograficamente na região de planejamento do território de identidade Piemonte da Diamantina Bahia, tem como principais atividades econômicas a extração mineral de pedras preciosas (ouro), o comércio varejista, a pecuária e agricultura (SEI, 2012). Vale ressaltar que nessa pesquisa a ênfase será dada a agricultura, sobretudo a agricultura familiar agroecológica, evidenciando o processo de constituição da feira agroecológica do município de Jacobina e destacando alguns dos aspectos das unidades locais de produção e comercialização que corroboram com a materialização da rede geográfica local, além de apontar seus desdobramentos no território Piemonte da Diamantina.

Nesse sentido, buscou-se consultar documentos (projetos, relatório e produtos técnicos, além de acervo fotográfico) e bibliografia pertinente, no âmbito da temática pesquisada, onde constam informações sobre a criação da feira agroecológica de



Jacobina, de modo a focalizar nos agentes sociais envolvidos, na organização social, na produção e a infraestrutura básica desses espaços de comercialização. Sendo esses aspectos fundamentais para compreender como tais processos culminaram na constituição da feira agroecológica.

Segundo Brasileiro (2013), a criação da primeira feira agroecológica de Jacobina surge a partir da fundação da Associação dos Produtores e Produtoras Agroecológica de Jacobina – APAEJ, uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2003. Criada com a finalidade de melhorar a organização social de agricultores(as) familiares e suas unidades locais de produção, mais precisamente nas comunidades rurais Cocho de Dentro, Coréia, Itaitu, Cachoeira dos Alves, Genipapo, Campestre e Timbó; e propiciar o escoamento da produção local que já era cultivada de maneira “natural”, ou seja, utilizando apenas recursos localmente disponíveis e manejando suas plantações e criações sem muita dependência de insumos externos (mecanização intensiva e adubos químicos, por exemplo), como afirma um dos agricultores, sócio fundador. Naquele contexto, o termo agroecologia ainda não aparecia tanto em evidência no cotidiano dessas famílias. Segundo Leite e Medeiros (2012):

No final da década de 1990, e com maior força a partir do início dos anos 2000, os movimentos sociais populares do campo, em especial aqueles vinculados à Via Campesina, incorporaram o debate agroecológico à sua estratégia política e passaram a dar contribuições importantes. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 61)

Logo, compreende-se o motivo pelo qual grande parte das famílias agricultoras ainda não a reconheciam por este nome, mas até então falava-se em “produção natural”. Enquanto isso as organizações parceiras, por dialogarem com diversos movimentos ligados ao campesinato já encontravam-se inseridas nesses debates, de modo que passaram a reconhecer tal atividade como produção agroecológica.

Alguns agricultores/feirantes mencionam que inicialmente houve uma certa carência de apoio técnico, que os orientassem no manejo e adoção de novas práticas alternativas nas áreas de cultivo e com as criações, para que assim fosse possível aprimorar e fortalecer a produção, bem como a promoção de espaços de debates e melhor entendimento sobre esse “novo”⁵ conceito de agricultura – a agroecologia. Foi a partir

⁵ Compreendemos a agroecologia enquanto um novo conceito teórico, mas as práticas agroecológicas estão presentes e veem sendo reproduzidas no modo de vida e na cultura de diversas famílias camponesas ao longo de gerações. O saber popular local e tradicional é preservado, acumulado e replicado, a partir de trocas de experiências entre agricultores e agricultoras que não carecem necessariamente de intervenção exclusiva de técnicas externas. (Nota dos autores)



de então que esse grupo social buscou parceria, junto as organizações que já atuavam com assistência técnica em Jacobina e demais municípios que fazem parte do território de identidade Piemonte da Diamantina.

Concomitantemente ocorreu a mobilização social de organizações parceiras e de novas famílias para integrarem a APAEJ, além da elaboração do estatuto social. Essas ações culminaram na articulação de uma rede apoio em torno da produção agroecológica e conseqüentemente na criação da primeira Feira Agroecológica de Jacobina (unidade local de comercialização), inaugurada em 24 de dezembro de 2004. Desde então permanece acontecendo todas as quartas-feiras, das cinco horas da manhã ao meio dia, na Praça Getúlio Vargas, próximo à Praça da Matriz, no centro da cidade.

Conforme destacou um dos agricultores da APAEJ, toda essa articulação experienciada durante todo o processo organizativo da associação foi de extrema importância para a continuidade e manutenção das atividades. Nessa perspectiva, o grupo contou com o apoio diversas instituições parceiras, a começar pela COFASPI, representada pela liderança Robson Aglayton, que os incentivou desde o primeiro momento, inclusive buscando novas parcerias, junto ao Movimento de Organização Comunitária (MOC), por exemplo, que prontamente disponibilizou uma equipe técnica para acompanhá-los durante algum tempo; além da prefeitura do município de Jacobina que cedeu sob forma de empréstimo, as barracas onde os alimentos começaram a serem expostos e comercializados para a população jacobinense.

Posteriormente, a APAEJ contou também com o apoio do Banco do Nordeste que os patrocinou novos equipamentos de trabalho. Com essa iniciativa foi possível garantir a infraestrutura básica de comércio direto dos alimentos agroecológicos, tendo em vista que com isso houve a aquisição de novas barracas e vestimentas padronizadas (personalizadas), tais como: toucas, bonés e aventais, no intuito de melhorar a qualidade de apresentação dos alimentos e dar maior visibilidade ao trabalho dessas famílias agricultoras.

A etapa que antecedeu o início das atividades de comercialização direta na primeira feira agroecológica de Jacobina foi a divulgação nas rádios locais, publicizada pelos próprios participantes, acompanhados por uma parcela da sua rede de apoio, ou seja, a equipe técnica que os assessorava. Essa iniciativa corroborou para a disseminação da

“campanha” para o consumo consciente, sobretudo de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e emanados de uma responsabilidade socioambiental coletiva. Com efeito, esse grupo social almejava sensibilizar e atrair o público consumidor para conhecer, adquirir e consumir os alimentos por eles produzidos. A *posteriori* esse público, vai tornar-se parte integrante dessa rede geográfica.

As redes se configuram de diferentes formas no tempo e no espaço, podendo ser analisada a partir de dimensões distintas, a saber: temporal, espacial e organizacional (CORRÊA, 2001). No entanto, neste trabalho focalizará apenas essa última dimensão, tendo em vista que as partes que compõem a rede – as unidades locais de produção e comercialização, vão refletir diretamente na materialização da rede local, sobretudo a partir de seu aspecto organizacional. De modo a considerar nessa análise os agentes sociais, sua existência e gênese de construção coletiva, sua finalidade e sua organicidade (CARMO, 2012). Dessa forma, o aspecto organizacional da APAEJ acima descrito é fundamental para compreender como tais processos ocorrem no espaço.

Na imagem apresentada logo abaixo (figura 1), segue a localização do município de Jacobina, inserido na delimitação espacial do território de identidade Piemonte da Diamantina, bem como as imagens das unidades locais de produção da APAEJ e unidade local de comercialização – a feira agroecológica, na sede do município.

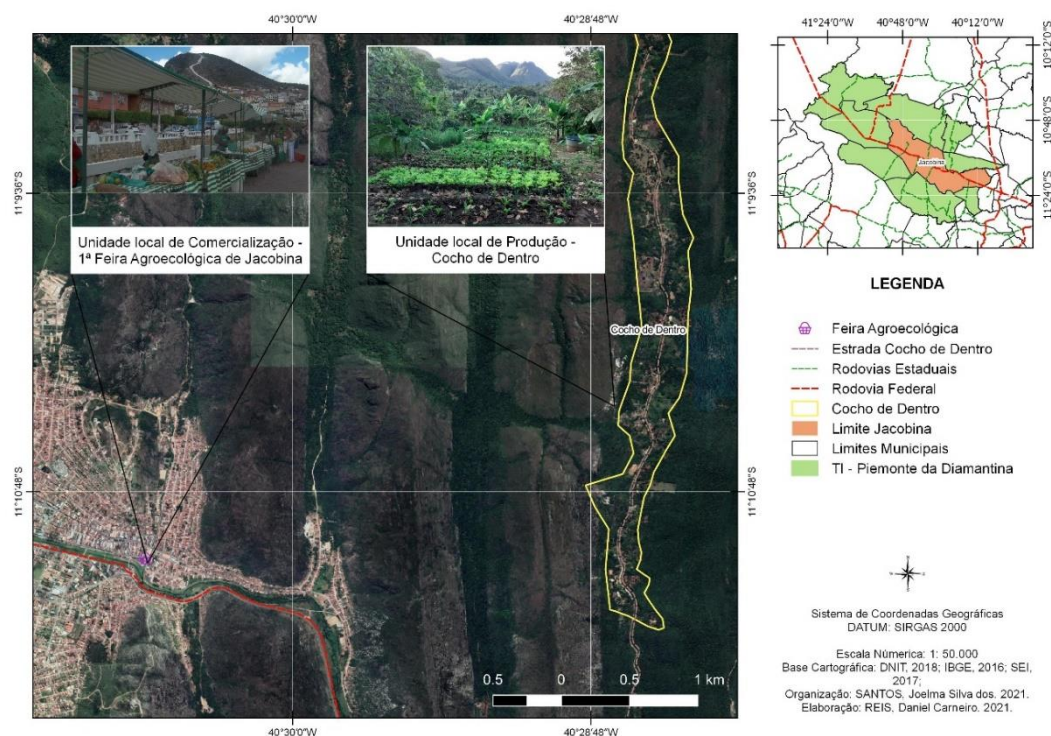


Figura 1: Unidade local de produção e comercialização agroecológica em Jacobina-BA.



Ainda nesse contexto, vale ressaltar que as comunidades onde as práticas agroecológicas estão presentes, se configuram também como unidades locais de produção (fixos) – as roças, os quintais, as cozinhas, onde são produzidos diversos tipos de alimentos, como: hortaliças, frutas, verduras, leguminosas, além de alimentos processados. De modo à reverberar nas unidades locais de comercialização de alimentos (fluxos) – a feira agroecológica. Este espaço de comercialização direta e sua estrutura organizacional configuram essa rede geográfica, por meio da produção de alimentos, de modo a possibilitar a articulação entre diversos agentes sociais: as famílias agricultoras, as instituições parceiras e o público consumidor; conectados em torno de um interesse comum.

Dessa articulação social, derivou-se o projeto de fomento à constituição da Rede de Feiras Agroecológica Solidárias do Piemonte (REFAS Piemonte). Projeto este, elaborado e executado pela COFASPI através de convênios com a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte/Superintendência de Economia Solidária da Bahia – SETRE/SESOL/BA e Banco do Nordeste do Brasil – BNB que financiaram a execução de tais propostas.

Com efeito, novas iniciativas de feiras agroecológicas foram promovidas nos municípios que integram o território de identidade Piemonte da Diamantina, as quais hoje compõem a REFAS Piemonte. Atualmente, essa rede se conecta e articula famílias agricultoras de oito municípios: Jacobina, Saúde, Caém, Mirangaba, Serrolândia, Miguel Calmon, Várzea Nova e Orolândia e mais quatro municípios adjacentes, Capim Grosso, Caldeirão Grande, Ponto Novo e Filadélfia (REFAS PIEMONTE, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da primeira feira agroecológica do município de Jacobina a destacou no cenário regional, como pioneira na implantação de espaço para comercialização direta de alimentos agroecológicos no território de identidade Piemonte da Diamantina.

A consolidação dessa unidade local de comercialização, perpassa sobretudo pela produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e emanados de uma responsabilidade socioambiental coletiva, onde diversos agentes sociais (as famílias agricultoras, as instituições parceiras e o público consumidor) encontram-se inseridos e interconectados. Esse processo que compreendeu a dimensão organizacional da APAEJ,



ênfatizando sobretudo os agentes sociais envolvidos, no contexto da gênese de construção coletiva, bem como a organicidade da feira agroecológica tem corroborado com sua materialização enquanto rede geográfica local.

Essa articulação agroecológica local, configura-se como um movimento popular de resistência que busca a partir de um modo de vida mais saudável sua reprodução em rede, nas unidades familiares de produção e comercialização. Contrapondo-se à lógica de produção hegemônica do agronegócio que se apropria e degrada desenfreadamente os recursos naturais, promovendo a intoxicação alimentar (por agrotóxicos) da população local, regional e nacional.

Vale destacar ainda que, os desdobramentos decorrentes desse processo de articulação social repercutiu no desenvolvimento do projeto de fomento à constituição da REFAS Piemonte – uma nova organização social de maior abrangência socioespacial e que tem dinamizado o uso sustentável do território (SANTOS, 2014) Piemonte da Diamantina. No atual contexto, a REFAS Piemonte se destaca como nosso objeto de pesquisa, em andamento no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGeo/UESB).

REFERÊNCIAS

CARMO, J. A. **O Comércio no Arranjo Produtivo Local Calçadista de Franca (SP)**. 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2012.

CORRÊA, R. L. Redes Geográficas: Reflexões Sobre um Tema Persistente. **Cidades**, V. 9 N. 16, s/ed. 2011. Disponível em:
<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2378/2122>. Acesso em: 27 Mai. 2021.

_____. CORRÊA, R. L. **Trajatórias Geográficas**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DIAS, L. C. Redes: Emergência e Organização. In: CASTRO, I. et al (orgs). **Geografia, Conceitos e Temas**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1995.

FIGUEREDO, D. A. Desenvolvimento territorial e a atuação da COFASPI no Território de Identidade Piemonte da Diamantina-BA. 145 p. **Dissertação** (Mestrado em Geografia). Universidade do Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo: Vitória da Conquista-BA, 2020.

LEITE, S.P; MEDEIROS, L.S. Agronegócio. In: CALDART, R. S. Et al (orgs). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.



REFAS PIEMONTE. **Cartilha da Rede de Feiras Agroecológicas Solidárias do Piemonte.** Jacobina, Bahia, 2018. Disponível em: <http://cofaspi.com.br/wp-content/uploads/2015/09/CartilhaRefascompressed.pdf> . Acesso em 18 de Jun. 2021.

REINIGER, L. R. S; WIZNIEWSKY, J. G; KAUFMANN, M. P. **Princípios de agroecologia** [recurso eletrônico]. 1. ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, UAB, 2017.

SANTIAGO, J. P. **O espaço geográfico e a geografia do estado em Friedrich Ratzel.** Vitória da Conquista. Edições UESB, 2013.

SANTIAGO, J. P. A valorização estratégica do território na acepção Ratzeliana. **Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território:** racionalidades e práticas em múltiplas escalas (1º CONGEO). PUC/ Campus Gávea - Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://www.editora1.com.br/anais-congeo/arquivos/978-85-63800-17-6-p159-170.pdf>. Acesso em 18 de Ago. 2021.

SANTIAGO, J. P. O Espaço Geográfico como Totalidade Viva e Complexa em Reclus. **Terra Brasilis.** 2016 Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1877>. Acesso em 27 de Ago. 2021.

SANTIAGO, J. P. Consciência do espaço: geografia, sociedade e educação. **Revista Geopolítica Transfronteiriça.** V. 1, nº 2, 2021, pp. 11-37, ISSN: 2527-2349. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/revistageotransfronteiriça/article/view/2206>. Acesso em 12 de Set. 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia uma Geografia crítica.** São Paulo: HUCITEC. 1978.

SANTOS, M. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel. 1985

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** 3.ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SEI, Superintendência de Estudos econômicos e sociais da Bahia. **Estatísticas dos Municípios Baianos** [recurso eletrônico]. v. 1 (2000). Salvador: SEI, 2012.

ZAMBERLAM, Jurandir; FRONCHETI, Alceu. **Agroecologia:** Caminhos da preservação do agricultor e do meio ambiente. Vozes: Rio de Janeiro, 2012.

ZIBECHI, R. **La revuelta juvenil de los '90:** las redes sociales en la gestación de una cultura alternativa. Montevideo: Nordan-Comunidad, 1997.